

J.-D. Nasio

# A dor de amar



**ZAHAR**

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:  
*La douleur d'aimer*

Tradução autorizada da edição francesa  
publicada em 2005 por Payot & Rivages, de Paris, França

Copyright © 2005, J.-D. Nasio

Copyright da edição em língua portuguesa © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: [jze@zahar.com.br](mailto:jze@zahar.com.br)  
site: [www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Este livro é uma versão amplamente revista  
e aumentada dos primeiros capítulos de  
*O livro da dor e do amor* (Jorge Zahar, 1997) e foi traduzido por  
André Telles a partir da tradução original de Lucy Magalhães.

Projeto gráfico e composição: Victoria Rabello  
Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

Nasio, Juan-David

N211d A dor de amar / J.-D. Nasio; [tradução, André Telles e Lucy Magalhães]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Tradução de: *La douleur d'aimer*  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-378-0023-2

1. Dor – Aspectos psicológicos. 2. Sofrimento – Aspectos psicológicos. 3. Amor – Aspectos psicológicos. 4. Psicanálise. I. Título.

07-2448

CDD: 152.4  
CDU: 159.94

---

## *Sumário*

Clémence ou A travessia da dor, 9

Liminar, 17

A dor psíquica é uma dor de amar, 29

Arquipélago da dor, 75

Excertos das obras de Freud e Lacan sobre a dor de amar, precedidos de nossos comentários, 137

Indicações bibliográficas sobre a dor de amar, 155

*Notas*, 165

## ***A dor do enlouquecimento pulsional***

*“Esse enlouquecimento da bússola interior.”*

Marcel Proust

Voltemos agora às nossas definições de dor. Assim como se acredita, erradamente, que a sensação dolorosa causada por um ferimento no braço se localiza no braço, também se acredita, erroneamente, que a dor psíquica se deve à perda da pessoa do ser amado. Como se fosse a sua ausência que doesse. Ora, não é a ausência do outro que dói, são os efeitos em mim dessa ausência. Não sofro com o desaparecimento do outro. Sofro porque a força do meu desejo fica privada de uma de suas fontes, que era o corpo do amado; porque o ritmo simbólico dessa força fica quebrado com o desaparecimento do compasso que os estímulos provenientes daquele corpo escandiam; e depois porque o espelho psíquico que refletia as minhas imagens desmoronou, por falta do apoio vivo em que sua presença se transformara. A lesão que provoca a dor psíquica não é pois o desaparecimento

*A perda do amado é uma ruptura não fora, mas dentro de mim.*

físico do ser amado, mas o transtorno interno gerado pela desarticulação da fantasia do amado.

Nas páginas precedentes, fornecemos uma definição da dor de amar como a reação à perda do objeto amado. Agora, podemos precisar melhor e dizer que a dor é uma reação não à perda, qualquer que ela seja, mas à fratura da fantasia que nos ligava ao nosso eleito. A verdadeira causa da dor não é pois a perda da pessoa amada, isto é, a retirada de uma das bases que suportavam a construção da fantasia, mas o desabamento dessa construção. A perda é uma causa desencadeante, o desmoronamento é a única causa efetiva. Se perdemos a pessoa do eleito, a fantasia se desfaz e o sujeito fica então abandonado, sem recurso, a uma tensão extrema do desejo, um desejo sem fantasia sobre o qual se apoiar, um desejo errante e sem eixo. Afirmar assim que a dor psíquica resulta do desabamento da fantasia é localizar a sua fonte não no acontecimento exterior de uma perda factual, mas no confronto do sujeito com o seu próprio interior transtornado. A dor é aqui uma desgraça que se impõe inexoravelmente a mim, quando descubro que o meu desejo é um desejo nu, louco e sem objeto. Encontramos assim, sob outra forma, uma das definições propostas no início deste capítulo. Dizíamos que a dor é o afeto que exprime a autopercepção pelo eu da comoção que o devasta, quando é privado do ser amado. Agora que reconhecemos a fratura da fantasia como o acontecimento maior, intra-subjetivo, que se sucede ao desaparecimento da pessoa amada, podemos afirmar que *a dor*

*exprime o encontro brutal e imediato entre o sujeito e o seu próprio desejo enlouquecido.*

É nesse instante de intensa movimentação pulsional que, em desespero de causa, nosso eu tenta salvar a unidade de uma fantasia que desmorona, concentrando toda energia de que dispõe sobre uma pequena parcela da imagem do outro desaparecido; imagem parcelar, fragmento de imagem que se tornará supersaturada de afeto. É então que a dor, logo nascida de um desejo tumultuado, ao invés de reduzir-se, se intensifica. Alguns meses depois, uma vez começado o trabalho do luto, a hipertrofia desse fragmento de imagem do desaparecido diminui, e a dor que se ligava a ele se atenua pouco a pouco.